



**SÉRGIO TRÉFAUT** Atento a uma cidade em transformação, a que chegou em 1974

Perfil

## Mundo de afectos

Sérgio Tréfaut filmou os sonhos e pesadelos das comunidades imigrantes em os *Lisboetas*. Retrato de um outro lisboeta com sotaque e três passaportes

SÍLVIA SOUTO CUNHA

**C**omeçamos a ver *Lisboetas* como testemunhas. Quando as luzes se acendem, no fim, emergimos dolorosa e confusamente, como quem se vê a um espelho pela primeira vez. O documentário criado por Sérgio Tréfaut, 41 anos, sobre as comunidades imigrantes que habitam e sonham em Lisboa, revela tanto sobre quem olha como quem é olhado. E, à maneira de um auto do compadecido, ilumina igualmente a figura do seu realizador. «Tudo o que faço passa sempre pela emoção. Não quero fazer algo informativo, como os programas da Odisseia. Quero testemunhar o choro, o riso, a comoção», afirma Sérgio. Sem guiões pré-preparados, acumulou horas de filmagem, feitas com «preocupações morais: ao enquadrar as pessoas de quem se gosta tem de se dizer, de alguma forma, que se sente assim». Como o plano de um jovem romeno, que mostra

os ícones da igreja ucraniana por si pintados à luz de uma lanterna - inspirado pela cena de Juliette Binoche em *O Paciente Inglês*, filme de que nem gosta. Ou a câmara escondida no mercado de trabalho do Campo Grande: «Tinha a escolha de filmar assim ou não filmar de todo, porque não há outra maneira com um filho

**“A minha pátria absoluta é Chico Buarque e Caetano Veloso. Foram eles que me ensinaram a sentir o mundo”**

da puta a angariar trabalhos de forma nojenta.»

### Cidadão do mundo

Tréfaut tem um riso fácil, um discurso torrencial e, sobretudo, opiniões vincadas. «Não tenho de todo a perspectiva do coitadinho. Há realidades difíceis, como as das máfias neste universo. Um estrangeiro não

é um santinho - é uma pessoa como outra qualquer», alerta. Mas há histórias que ainda lhe fazem vir lágrimas aos olhos, tal qual qualquer «filminho pateta». Frequentemente, adjectiva como «bonito» coisas da vida real, mas o discurso recheia-se de citações - da filosofia, da literatura, das artes. Sente-se que gosta

desta Lisboa, que lhe passa debaixo das janelas do escritório branco, num burburinho constante de buzinas, sirenes e sinos, ali ao lado da Igreja da Madalena. «A cidade está mais rica do que era. Ao contrário do que aconteceu com a globalização, que causou dispersão, cá temos um microcosmos que se enriqueceu visualmente e não só. Este é o grito afirmativo do filme.»

Nascido no Brasil, dono de três passaportes (português, brasileiro e francês) que não o fazem sentir de lugar algum, chegou a Portugal em 1974. Filho benjamim de quatro irmãos, de pai português e mãe francesa (sobre quem fez o íntimo e revelador documentário *Fleurette*, em 2002), às questões identitárias responde com letras de canções. «A minha pátria absoluta é Chico Buarque e Caetano. Foram eles que me ensinaram os afectos e a sentir o mundo.» Um dia, num pequeno-almoço tomado com o fotógrafo Sebastião Salgado e sua mulher Lélia, estes disseram-lhe que Chico Buarque ia descer para se lhes juntar. Sérgio fugiu: era tamanha a devoção que o susto ganhou aos pontos.

Durante a conversa, há muitas visitas de amigos, como a realizadora Teresa Vilaverde Cabral ou as irmãs Medeiros (Maria e Inês), ainda que diga ser anti-gregário, desgostoso de multidões e jantaradas ruidosas. Prefere que as conversas, livros e pro- ▶



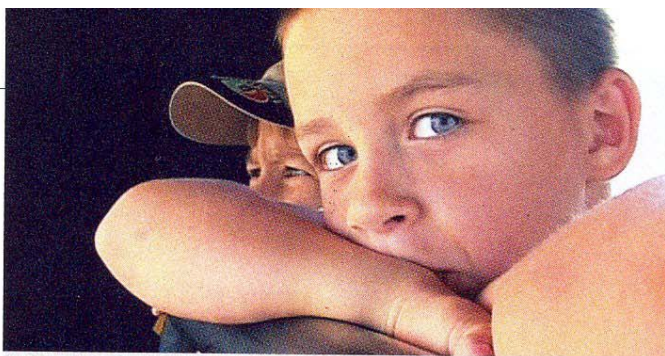
## ► MUNDO DE AFECTOS

jectos, tenham coisas a dizer, pouco condescendente com decorativismos de qualquer espécie. Mas, mesmo assim, custa-lhe, como diz, que os portugueses tenham «os afectos atrofiados».

**Pronto a partir**

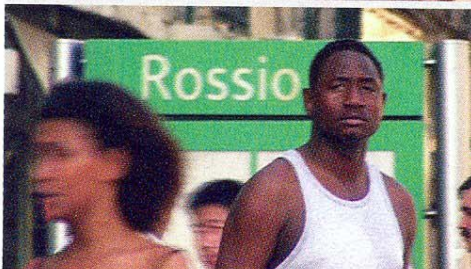
O telefone não pára de tocar, há muitos projectos para atender. Característica típica de quem é um disperso convicto. Chegou a experimentar teatro, mas o caminho que queria era outro. «Fui daqueles alunos que ou tinha 20 ou zero. A única matéria que me apeteceu estudar a sério foi filosofia, o que segui na faculdade da Sorbonne, em Paris. Tive aí momentos de grande felicidade, lendo, indo ao cinema», recorda. Muitas vezes, ia a outros institutos ouvir outros pensadores. «As pessoas entravam pela janela e enchiam a sala para ir ouvir Derrida, por exemplo», recorda. Pouco amigo da universidade obrigatória, também não lhe sobrava tempo para ser aluno presente: «Fui sempre aluno trabalhador: pintei paredes, fui porteiro de hotel, cuidei de crianças, tudo isso...» Uma faceta de imigrante.

Para trás, ficara uma infância brasileira, vivida na classe média intelectual de São Paulo. A sua casa era um remoinho de estímulos. O pai, o jornalista e escritor comunista Miguel Urbano Rodrigues, então no jornal *O Estado de São Paulo* (em Portugal, iria ser director de *O Diário*), recebia os amigos de braços abertos: repórteres de guerra que repousavam da cobertura da Frente Polisário, rebeldes do navio *Santa Maria*, intelectuais de cabeça aberta. Atacava-se a ditadura portuguesa. «Os meus pais são muito diferentes um do outro, e vivia-se essa diferença em casa. Eles não eram boémios, ainda que a bebida corresse... Mas, tal como eu, eles aguentavam bem a bebida, sem fazer cenas», ri-se. E acrescenta: «Eu era muito acarinhado, estimulado nos desenhos que fazia, mas houve um lado de educação estrita, muito francês, que se impôs: as crianças não comiam à mesa, e estavam na cama às oito horas da noite!».



**O FUTURO SÃO AS CRIANÇAS?**  
Muitos filhos de imigrantes nascem já em solo lisboeta

FOTOS: DR.

**Somos todos lisboetas**

Em cem minutos, no documentário *Lisboetas*, esventra-se a realidade dos imigrantes que hoje compõem a paisagem de Lisboa. Realizado por Sérgio Tréfaut e premiado como o Melhor Filme Português no Indie-Lisboa 2004, pergunta quem são e o que fazem aqui. Num registo intimista, fugindo ao tom abrasivo dos Michael Moore do género. «Não quero doutrinar ninguém, mas sim que as pessoas encontrem maior disponibilidade para verem o que está à frente delas; não é fácil passar esta barreira. Isso é político para mim - aumenta o conhecimento e ultrapassa barreiras», refere.

Cem minutos numa sucessão de quadros, «pla-gi-a-dos na forma como são construídas as coreografias de Pina Bausch, que venero», que narram uma via sacra - o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, o mercado de trabalho do Campo Grande, as

aulas de português, as igrejas, as obras, o telefone indispensável à saudade... Escuta-se uma polifonia de sotaques: brasileiros incitando outros brasileiros, lá longe, a vir para um país onde é fácil «trabalhar ilegal». Um paquistanês tenta vender rosas num *travelling* solitário por uma cidade que o chama de indiano. Ucrrianos, moldavos, romenos, desfazem ilusões sobre o suposto «paraíso europeu». Russos perplexos com a nova discriminação de quem aceita a sua força de trabalho mas lhes recusa o direito a ter cheques. Africanos oram em templos improvisados em quartos velhos. Há olhares vazios, pés lacerados, gente que tropeça na eventual gratidão dos portugueses, País que parece já não lembrar as suas diásporas. Carne para canhão, que chora, que ri, que gera crianças. Um documento cinematográfico absolutamente comovente.

O exílio português trouxe a separação dos pais, e o começo da aventura europeia. «Eu era, aqui, um bicho raro. Achava que vinha para a Europa, onde

**“Os portugueses têm os afectos atrofiados, ao contrário do que acontece com os brasileiros”**

nevava. Fazia questão de andar com um chapéu de raposa à Daniel Boone!», conta.

Depois, foi um rodopio: as incongruências de frequentar o Liceu Francês e viver numa pensão modesta, ou ainda o contraste da sua expansividade com o negrume literário da

tia Zita, a escritora Maria Judite de Carvalho com quem viveu uns tempos, imagem de um certo Portugal. O tornar-se lisboeta, enfim. Por entre os primeiros projectos de cinema, foi jornalista no *Semanário*, «para ganhar dinheiro e testar os genes da família». Ganhou a vocação para os fotogramas. Hoje, na mesa arrumada da produtora Faux, descansam dossiês com inúmeros projectos: uma longa-metragem na Ucrânia, um filme para Teresa Vilaverde Cabral, a 'carreira' de *Lisboetas*, um projecto sobre os cemitérios do Cairo - onde já alugou um jazigo para viver durante um ano. Quer perguntar aos seus vizinhos quem são e o que fazem ali. ■